

USUÁRIOS PODEM se logar na grande rede de várias formas e assumir diferentes atitudes

Adona de casa e revisora Flô Figueiredo mal consegue chegar perto do computador em casa, ocupado quase o dia inteiro por uma de suas filhas — ou pelas duas, quando estão vendo vídeos no YouTube juntas. Mas, na verdade, ela nem liga. Acorda de manhã, lê com calma o jornal, e pode até ligar a TV, mas o computador permanece desligado quando está sozinha. Tem telefone celular, mas quase sempre está “off” ou sem carga.

Já sua caçula vive de celular em punho, geralmente, com o fone no ouvido. Costuma estudar navegando na internet, olhando de soslaio a TV a cabo, teclando no MSN e falando no celular. Todas as saídas com os amigos são combinadas via instant messaging ou Orkut (o email, a essa altura, já ficou para trás). Vive pedindo para o pai um smartphone, e baixa incontáveis vídeos de animes japoneses.

Esses são os dois extremos de uma pesquisa conduzida e tabulada pelo Pew Internet & American Life Project entre 2007 e o começo deste ano, sobre tipos de usuários de tecnologia. A dona-de-casa seria classificada como o tipo Fora da Rede (Off the Network) e sua filha, como o arquétipo Colaboradores Digitais (Digital Collaborators), conectados até a medula. A entidade entrevistou mais de 3.500 pessoas nos Estados Unidos sobre seus hábitos ligados à tecnologia e classificou dez tipos diferentes, do mais antenado até o mais descolado da realidade digital. Entre as conclu-

sões, ficou provado que a o acesso móvel à web é um ponto de inflexão na adoção de tecnologias. Mostramos aqui as características de cada tipo, com alguns exemplos brasileiros.

Colaboradores digitais

São aqueles usuários que mergulham fundo na tecnologia e na internet. Quase todos têm banda larga em casa, e mais de 90% têm PC, laptop e smartphone. Boa parte também possui tocadores de MP3, e quase todos não dispensam uma câmera digital. Já 70%, em média, contam com filmadoras e/ou gravadores de vídeo digitais. São usuários de internet com muita estrada — cerca de 12 anos na rede.

Um exemplo de colaborador digital é o músico multimídia **Michael Arce**, que com seu laptop conectado à internet, webcam, um siste-

ma de som portátil de qualidade e o Skype, dá aulas online para alunos Brasil afora, com um método bem bolado e detalhado num vídeo no YouTube.

— A aula acontece em tempo real, não é um passo-a-passo pré-gravado — diz Michael, que periodicamente organiza workshops pre-

senciais com seus estudantes. — Eu marco hora com o aluno e fico na frente do computador, interagindo com ele ao vivo.

Conectados ambivalentes

Esses são da turma que usa bem email, celular e outras tecnologias para se comunicar, mas têm autocrítica. Quando veem televisão ou ouvem música, geralmente o fazem do laptop ou do smartphone. Entretanto, ao contrário dos colaboradores digitais, eles não gostam de misturar muito essa faceta social com trabalho e se sentem incomodados quando solicitados nessa hora.

Ariadne Guimarães, jornalista e gerente de conteúdo de sites financeiros, tem alguns traços dos conectados ambivalentes (ambivalent networkers, na classificação original).

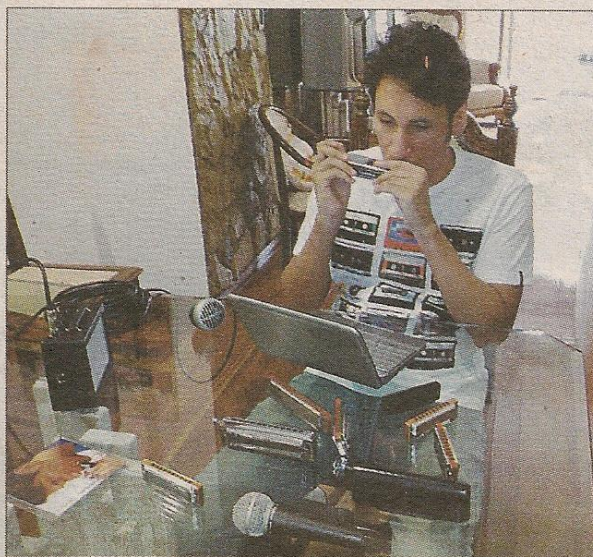
— Sou uma online convicta. Trabalho conectada o tempo todo e quando estou longe do note recorro ao iPhone. Mas não gosto da ideia de que alguma pessoa possa me incomodar durante as tarefas. Quando quero relaxar, trocar ideias... paro e recorro ao email. >>



“Sou online convicta, mas não gosto de ser incomodada no trabalho”

CONECTADA AMBIVALENTE ARIADNE GUIMARÃES

MICHAEL ARCE COLABORADOR DIGITAL



“Minhas aulas de gaita online via Skype são dadas em tempo real”